

Falta de dinheiro faz crescer a velha prática do escambo

Cláudio Duarte

SUZANE VELOSO

No Brasil, o hábito começou há quase 500 anos. Pouco interessados em moedas de ouro, o que os índios receberam mesmo foi uma bela coleção de espelhos e quinquilharias em troca do pau-brasil. Mas depois de alguns séculos de quase ostracismo, a prática do escambo está, mais do que nunca, em alta. Não que os "nativos" de hoje tenham pouco interesse por dinheiro. Muito pelo contrário. Só que, na falta dele, a troca ressuscitou em praticamente todas as operações comerciais. Na falta da moeda oficial, linha de telefone, carro, apartamento, lancha e até bois viraram moeda. Mesmo que os vendedores estipulem o valor do bem em dólar. O cruzeiro anda mesmo em baixa.

No troca-troca — que só é vantajoso, asseguram os praticantes, quando parte do negócio vem em dinheiro vivo — vale tudo. Com um carro, pode-se pensar em comprar um conjugado de 25 metros quadrados e com vista para o Corcovado, avaliado em US\$ 20 mil. Ou conseguir uma loja do mesmo tamanho. No lado oposto, quem não tiver US\$ 230 mil na mão, mas possuir dois apartamentos na Barra da Tijuca pode ficar com uma casa de quatro quartos no Itanhangá com piscina, sauna e terreno de 1.200 metros quadrados.

A troca de imóveis se tornou prática tão rotineira que uma grande corretora, a Júlio Bogorich, criou seu próprio banco de trocas, que inclui desde imóveis residenciais e lojas até instala-

apartamentos ou automóveis os únicos a abraçarem a bandeira do escambo. O dono de um terreno de 18 mil metros quadrados na Rodovia Washington Luís bem que preferia receber, em dinheiro vivo, os US\$ 250 mil que vale a propriedade. Mas não descartou trocas: abre mão do enorme bem imóvel por outro que se locomova, não importa se for carro, caminhão ou barco.

Navegando nas mesmas águas, o proprietário de uma escuna com quatro camarotes nem mesmo anunciou o preço que queria pela embarcação: de saída, informou aos interessados que aceitava embarcação menor, imóvel ou automóvel como pagamento. Já o dono de um trator aceita alguns bois em troca de seu MF-265 novo. Mas não conseguiu ser tão exótico quanto

seu vizinho nas páginas de anúncios, o dono de um jazigo no Jardim da Saudade, avaliado em Cr\$ 120 milhões: ele abre mão do lugar onde será enterrado para garantir, pelo menos, um imóvel para o uso dos vivos. E até por um carro fecha negócio. Em outro anúncio, um músico troca sua bateria importada, avaliada em US\$ 3.500, por um carro.

